

■ O reajuste das tarifas de ônibus não agradou a população, que reclama dos preços altos e da qualidade dos serviços prestados

Pág. 2

Cidades

PLANO PILOTO

SATÉLITES

GEOECONÔMICA

Brasília, segunda-feira, 16 de março de 1992

■ Apesar do templo parcialmente nublado, os clubes e Parque da Cidade tiveram boa frequência. Os pontos turísticos também

Pág. 6

Crise provoca aumento de camelôs

Luís Cláudio Alves

A crise econômica e a consequente elevação dos níveis de desemprego estão promovendo uma "explosão" de camelôs em Brasília, um fenômeno já verificado há algum tempo em outros grandes centros urbanos brasileiros. Nem mesmo a ação de policiais militares ou dos fiscais das Administrações Regionais, orientados a cobrir esta atividade, é capaz de "maquiar" o grave problema social escondido atrás dessa realidade. Montar uma barracquinha ou um reboque para trabalhar por conta própria, sem patrão, não é mais um modismo.

A maior parte dos ambulantes espalhados pelo Plano Piloto e cidades-satélites é formada por pessoas que perderam seus empregos e não conseguiram uma nova ocupação. Fora desta condição estão as donas-de-casa que tiveram que trocar, ou acumular, os serviços domésticos com o trabalho de camelô para reforçar o orçamento familiar. Em função deste quadro, surgiu um bom negócio na cidade: promover excursões para o Paraguai, local onde os sacoleiros vão se abastecer de mercadorias.

Mas como de costume, há os espertalhões que se aproveitam dos dramas sociais. O próprio Sindicato dos Vendedores Ambulantes reconhece a existência de lojistas e empresários infiltrados entre os ambulantes, formando verdadeiras "redes" de camelôs pela cidade. O GDF bem que tentou evitar a proliferação desenfreada dos ambulantes. No ano passado, tratou de fixar uma área próxima à Rodoviária do Plano, — o camelódromo — para abrigar apenas os ambulantes cadastrados. Fora desta área a atividade está proibida. A necessidade de ganhar o pão de cada dia foi maior do que qualquer proibição.

Drama — Geraldo Ribeiro, de 35 anos, casado, pai de três filhos e com a esposa esperando pelo quarto herdeiro, foi "catapultado" à condição de ambulante há seis meses após perder o emprego. Geraldo trabalhava como vigia e "com o salário fixo dava para sustentar a família". A empresa em que ele trabalhava fechou as portas, acabando com o seu "ganha pão". "De uma hora para outra perdi o emprego e em todos os lugares que procurava novo trabalho a resposta era sempre a mesma: preencha uma ficha. Para não morrer de fome tive que ir vender coisas na rua", conta Geraldo.

Agora, Geraldo está vendendo registros de fogão e chinelos em frente à agência do BRB, no Setor Comercial Sul. O que ele ganha mal dá para alimentar os três filhos pequenos. "A gente vende muito pouco. Tem mais vendedor nas ruas do que comprador", afirma. Geraldo diz que continua procurando emprego.

Rotina — Histórias parecidas com a de Geraldo Ribeiro estão espalhadas pela cidade. Para Pedro Gomes, de 33 anos, casado, pai de três filhos, desempregado há seis anos e por igual período atuando como camelô, este drama já virou rotina. "Não sei mais o que fazer. Quero deixar de ser camelô, mas não sei como vou viver pois não encontro emprego", lamenta ele.

Pedro trabalhava como garçon no Rio Grande do Norte, foi despedido e resolveu se mudar para Brasília. Aqui, se deparou com uma realidade bem diferente da que imaginara. Sem conseguir emprego, o jeito foi montar uma banquinha para vender relógios e pulseiras no Setor Comercial Sul. "Estou nessa situação há seis anos e ultimamente estou enfrentando o maior sufoco", desabafa Pedro Gomes.

Melhor renda — A ex-cozinheira Paula de Castro Almeida, de 25 anos, solteira e mãe de duas filhas, tem uma história um pouco diferente. Ela trocou o emprego de cozinheira numa lanchonete pela profissão de vendedora ambulante. "Eu ganhava muito pouco e trabalhava demais. Achei melhor sair do emprego e trabalhar por conta própria", conta Paula.

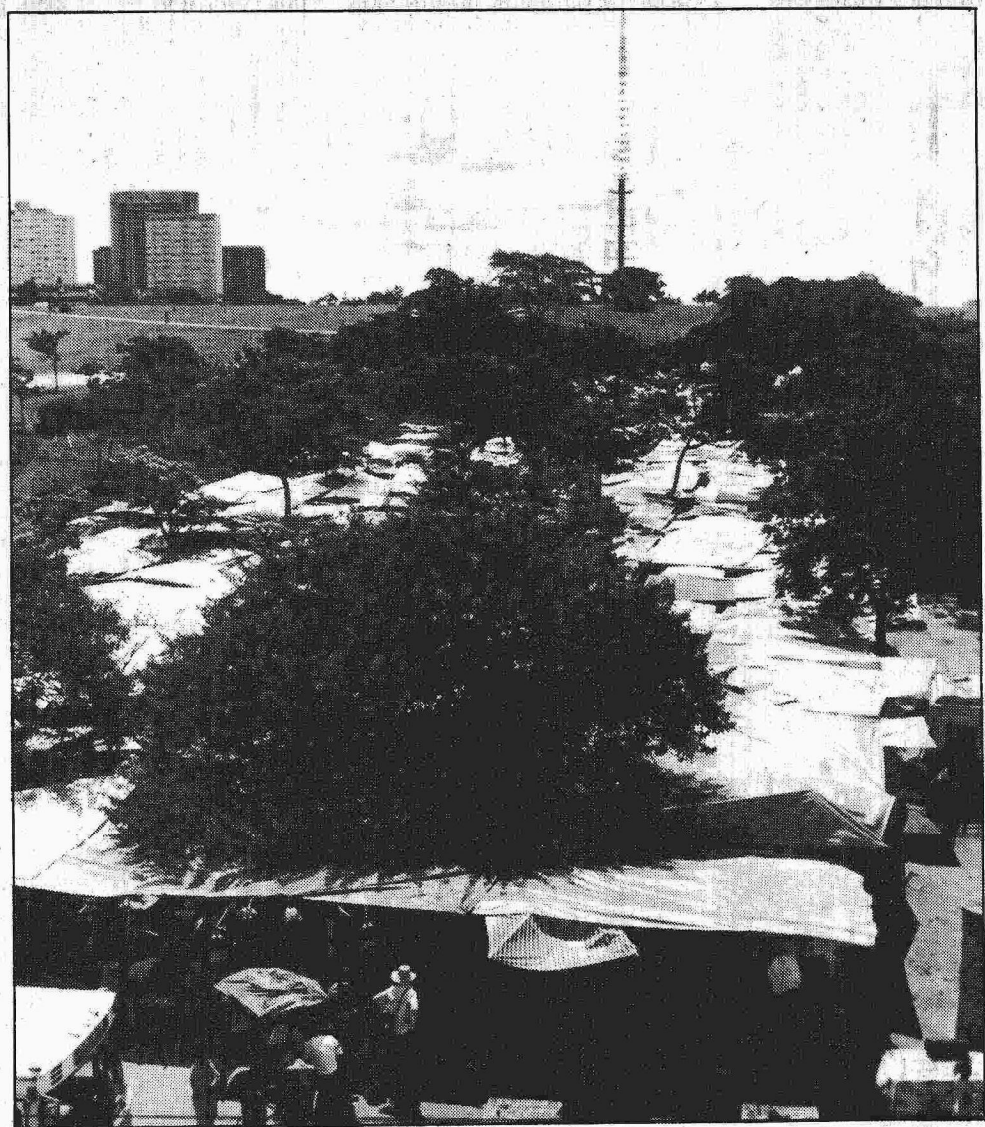
No caso de Paula, a opção está dando certo. Em três meses, ela já pensa em comprar um "carrinho" para ajudar nos "negócios". Paula vende produtos importados do Paraguai no calçadão ao lado das Lojas Americanas, no Setor Comercial Sul. "Estou ganhando muito mais do que como empregada e ainda tenho mais tempo para passar com minhas filhas", analisa ela.

Paula diz que consegue lucrar cerca de Cr\$ 300 mil por mês, "muito mais do que o salário mínimo". Para ela, com esta renda vale a pena conviver com a perseguição dos policiais. "Na maior parte das vezes a gente consegue se livrar da polícia". Diariamente nas calçadas do Setor Comercial Paula comprova que o número de camelôs na cidade cresceu muito nos últimos tempos.

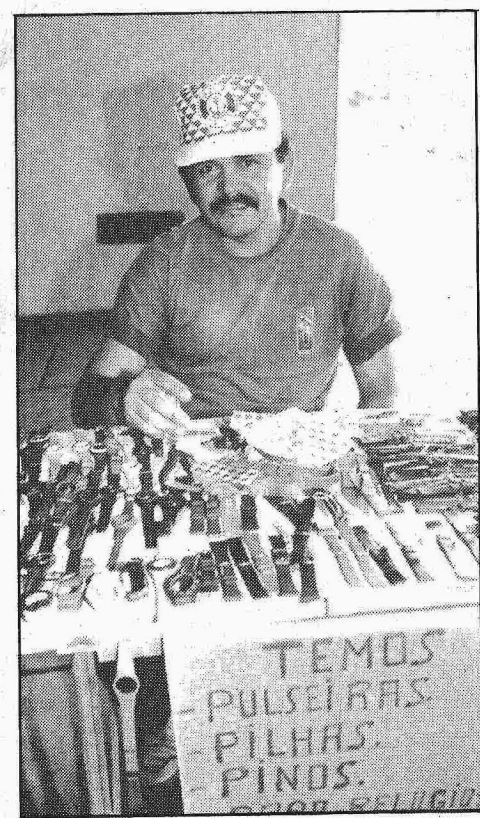
FOTOS: JUNIOR BARON



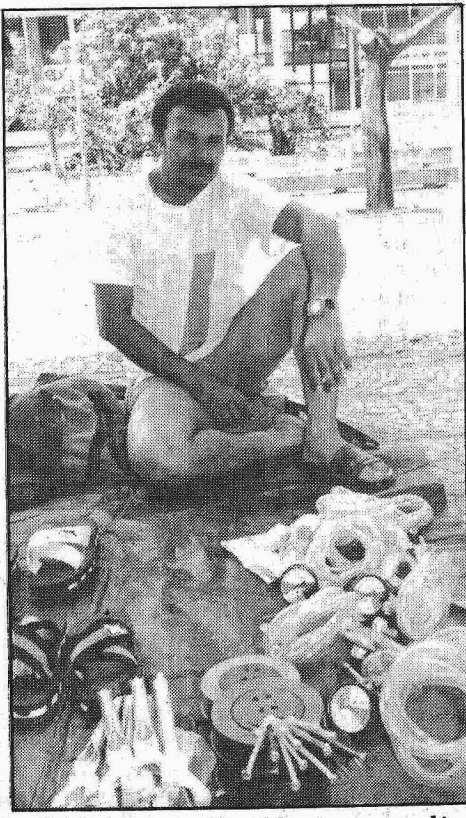
O número de ambulantes instalados no camelódromo explodiu nos últimos meses, aumentando a concorrência e diminuindo o volume de vendas



O camelódromo, entre a Rodoviária e a Torre de TV, reúne centenas de ambulantes



Pedro Gomes reclama que não tem lucro



Sem emprego, Geraldo virou camelô